

A REPRESENTAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TIRINHAS DE CHICO BENTO

THE REPRESENTATION OF LANGUAGE VARIATION IN CHICO BENTO'S COMIC STRIPS

Cesar Augusto de Oliveira Casella

<cesar.casella@gmail.com>

Mestre em Linguística Aplicada, área de concentração Língua Materna,
PPGLA do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp).

Professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Cora Coralina)

<http://lattes.cnpq.br/1987923436771603>

RESUMO

A caracterização de Chico Bento como um menino caipira passa pelos aspectos verbais – assim como passa pelos não-verbais: chapéu de palha, calça xadrez, pés descalços etc – e centra-se na representação de uma variedade da língua portuguesa, tida como 'fala caipira'. O objetivo deste trabalho é analisar esta representação do dialeto caipira e mostrar que a maior parte dos traços linguísticos que são dados a ver como caracterizadores da 'fala caipira' são, na verdade, traços graduais da língua portuguesa falada no Brasil, isto é, são marcas linguísticas que estão presentes no uso linguístico cotidiano dos brasileiros. Toma-se como objeto de estudo duas tirinhas de Chico Bento, personagem de Maurício de Souza, divulgadas na internet. Utilizamos, como ponto de partida, as reflexões de Marcos Bagno (2007, 2013) e de Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), principalmente da proposta metodológica destes autores de análise da variação linguística em *continua*. Lidaremos, ainda, com os níveis da fala afetados pela variação e os tipos de variação linguística envolvidos, a partir do arcabouço teórico da Sociolinguística divulgado, entre outros, por Tânia Alkmin (2008), Cezário & Votre (2008) e Louis-Jean Calvet (2002). Importa ressaltar que trata-se de lidar com a representação da variação linguística e não com ela mesma, o que significa dizer que a variação linguística apresentada é mediada pela expressividade pretendida pelo autor das tirinhas.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Traços graduais; Chico Bento.

ABSTRACT

The Chico Bento's characterization as a hillbilly boy goes through verbal aspects - as well as goes through the nonverbal aspects: straw hat, plaid pants, bare feet etc - and focuses on the Portuguese variety's representation regarded as a 'hillbilly talk'. This paper's objective is analyze the representation of this hick dialect and to show that most of the linguistic traits, that are presented as characterizing the 'hillbilly talk', are actually gradual traces of the Portuguese language spoken in Brazil. So they are linguistic tags that are present in Brazil's everyday language. We take as object of study two comic strips of Chico Bento, Mauricio de Souza's character, published on the internet. We used, as our start point, the reflections of Marcos Bagno (2007, 2013) and Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), especially their methodological proposal of linguistic variation's analysis in *continua*. Also we will deal with the linguistics levels affected by the change and the types of linguistic variation involved, from the theoretical framework of Sociolinguistics, disclosed by Tania Alkmin (2008), Cezário & Votre (2008) and Louis-Jean Calvet (2002), among others. It is important to emphasize that we are dealing with the linguistic variation's representation and not with her in itself, which means that the presented linguistic variation is mediated by the expression intended by the author of the comic strip.

KEYWORDS: Linguistic variation; Gradual traits; Chico Bento.



Sem a consideração desses dois aspectos do fenômeno língua – a língua como sistema gramatical e a língua como instituição sociocultural e elemento constitutivo da identidade individual e coletiva – qualquer teorização sobre o funcionamento social da linguagem fica inevitavelmente capenga.

Marcos Bagno (2013, p. 51)

INTRODUÇÃO

O problema investigado neste artigo é a representação do dialeto caipira em tirinhas do Chico Bento, publicadas na internet e de ampla circulação. Nosso objetivo é mostrar que, ao contrário do que pode parecer sem uma análise sociolinguística, a maior parte dos traços linguísticos que são dados a ver como caracterizadores da fala caipira nestas tirinhas são, na verdade, traços graduais da língua portuguesa falada no Brasil, isto é, são marcas linguísticas que estão presentes no uso linguístico cotidiano dos brasileiros. Assim, a fala caipira representada em Chico Bento não corresponde a nenhum uso efetivo da língua feito por uma comunidade de falantes, isto é, não corresponde a nenhuma variedade linguística do português brasileiro.

Ocupamo-nos deste tema por considerarmos relevante discutir, à luz dos avanços conseguidos pelos estudos sociolinguísticos, a ilusão de que exista fronteiras definidas e rígidas que marquem um falar ideal ou uma variedade idealizada. Buscamos, portanto, problematizar a representação da fala caipira, por meio de um estudo sociolinguístico, mostrando o equívoco em a considerar como tal, de modo a desfazer visões redutoras e preconceituosas.

Para isto, dividimos o trabalho em seis partes. Na primeira e na segunda tentamos mostrar que tanto o caipira como a variedade linguística a ele atribuída podem ser tidas como representações da realidade – e não como a realidade em si mesma – e assim devem ser tratadas pela ciência linguística. Na terceira e quarta partes apresentamos o referencial teórico e a metodologia que será utilizada na análise. A quinta parte é a de análise das tirinhas e a sexta parte são as considerações finais, nas quais concluímos que os traços linguísticos presentes em Chico Bento, em sua maioria, são traços geralmente presentes na fala de todos os brasileiros.

AS REPRESENTAÇÕES DO CAIPIRA

São muitas as representações artísticas do caipira, do interiorano ou sertanejo paulista,

que podemos evocar: 1. O quadro de Almeida Júnior, intitulado *O caipira picando fumo*, de 1893; 2. *O Jeca Tatu* de Monteiro Lobato, saído de *Urupês*, de 1918; 3. *O Jeca Tatu* de Amácio Mazzaropi, do filme homônimo de 1959; 4. *O Menino da porteira*, imortalizado na voz de Sérgio Reis, originalmente uma letra de 1955; 5. *O Chico Bento*, o personagem de histórias em quadrinhos de Maurício de Souza, de 1963; 6. *O Nerso da Capitanga*, vivido pelo humorista Pedro Bismarck desde a década de 1990. Eles são bons exemplos de representações do caipira que obtiveram sucesso, e o arco temporal que os congrega é eloquente quanto à durabilidade do tema.

Lúcia Lippi Oliveira (2003) mostra que a consolidação da figura do caipira, no início do Século XX, se dá em um ambiente intelectual que instaura uma ambivalência para o Brasil, um país jovem e aberto às novidades que é também imaturo ou despreparado, e lembra que esse par ambivalente, juventude/imaturidade, acaba por marcar os diferentes retratos do Brasil que serão feitos a partir desta época, mesmo quando se pretende uma renovação do pensamento brasileiro. Este caipira, este homem do interior,

(...) já recebera menção nas obras dos viajantes, dos cronistas que durante o século XIX visitaram o país. De modo geral fora ressaltado o isolamento, a ignorância e a ociosidade em que viviam. Ou seja, as distâncias geográficas e socioculturais entre esse homem e o das cidades do litoral. Havia como que uma oscilação entre uma valorização positiva, que destacava a força, a autenticidade e a comunhão com a natureza, e uma caracterização negativa, cujo traço principal era a preguiça. (OLIVEIRA, 2003, p. 234)

Esta oscilação está entranhada na oposição literária e cultural entre o regionalismo e o modernismo, *lato sensu*. De um lado tem-se a representação do caipira algo romântica e idealizada do regionalismo enquanto do outro lado tem-se a representação algo cientificista e cruel do modernismo. De um lado Afonso Arinos, de outro Monteiro Lobato. Esta oscilação ou ambivalência, logo se vê, percorrerá o século e cindirá o modo como vemos o homem do campo.

O movimento regionalista – digamos “caipirizante”... – paulista é atuante e presente na década de 1920 e pode ser captado, por exemplo, nos saraus das mansões dos endinheirados paulistanos, em que se apresentavam cantadores e violeiros com suas canções sertanejas.

Assim:

Mais do que valorizar o índio – vestígio do romantismo –, tratava-se então de valorizar o mameluco e seu representante contemporâneo – o caipira. A literatura ficcional da época estava à procura das raízes nacionais, ocupada em buscar uma autenticidade nacional localizada no homem do interior, no folclore, nos mitos de

origem. (OLIVEIRA, 2003, p. 235)

Este regionalismo intelectual, sem escapar da ambivalência aludida anteriormente, “fazia viver uma tensão entre o idílio romântico e a representação realista do homem do campo, entre a nostalgia do passado e a denúncia das misérias do presente” (OLIVEIRA, 2003, p. 235).

Outro ponto importante, que Lucia Lippi Oliveira (2003) resgata, é a visão sociológica de Antônio Cândido, exposta em *Os parceiros do Rio Bonito*, em que o caipira é caracterizado como membro de uma “cultura rústica”. Veja-se esta noção na citação abaixo:

O autor [Antônio Cândido] faz uma descrição detalhada da vida do grupo e de suas transformações recentes. Utiliza o conceito de “culturas rústicas”, como aquele meio social e cultural que exprime o universo das culturas tradicionais do campo no Brasil e é resultado do ajustamento do colonizador português ao contato com o índio. Essa cultura estaria mais próxima das culturas indígenas, já que se desenvolveu de maneira mais isolada. O caipira seria assim o homem rústico da colonização paulista, aquele que se manteve marginalizado das interpretações mais amplas da formação histórica brasileira e que guardaria similaridades com o tipo que fora estudado por Euclides da Cunha – o sertanejo. (OLIVEIRA, 2003, p. 238)

A construção da imagem do sertanejo paulista, porém, não parou neste estágio. Sobre estes primeiros artistas e pensadores da cultura caipira assenta-se a indústria cultural, o êxodo rural das décadas de 1950 e 60, a opção pelo agronegócio, a tecnologização do campo e a emergência de novos meios de comunicação. Abre-se o caminho para uma nova ruralidade:

A nova ruralidade ultrapassou o mundo rural e atinge as cidades, principalmente as do interior. Apresenta-se no brilho das empresas e dos empresários, nas técnicas modernas de cultivo, nos artistas e nos peões de rodeios, pessoas e grupos cujos estilos de vida são muito distantes do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, do sertanejo de Euclides da Cunha, dos jagunços de Guimarães Rosa ou dos caipiras de Antônio Cândido. (OLIVEIRA, 2003, p. 248)

Esta nova cultura caipira, citada pela autora, é patente nas exposições agropecuárias, nas festas de peão e nos rodeios espalhados atualmente pelo interior do Brasil. Nestes eventos tem-se o espaço social em que se constrói uma nova tradição: o caipira-*country*. Constrói-se uma nova imagem – não mais a do caipira-sertanejo descalço, de chapéu de palha e roupa xadrez – agora feita de botas reluzentes, cintos com grandes fivelas e chapéu de caubói, resultado de uma reelaboração e da escolha de novos símbolos. Cria-se um caipira-*country* fortemente ligado à indústria cultural e à cultura de massa, uma representação da força econômica, do “triunfo” da

modernização do campo brasileiro, do crescimento das cidades do interior.

Todas estas representações e interpretações (culturais, sociológicas, econômicas, artísticas etc) criam um arcabouço imaginário, um manancial imagético e sonoro, que sustenta a imagem que temos do caipira. Saliente-se de que se trata de uma imagem do caipira, e que ela não significa, necessariamente, o verdadeiro caipira.

Assim, é preciso, antes de problematizar a representação da 'fala caipira' no próximo item, pensarmos que a representação do Chico Bento enquanto caipira faz parte deste arcabouço imaginário enorme, sendo uma parte dele, e que é um equívoco – equivalente ao de se considerar a fala caipira representada como uma variedade existente – considerar o caipira como uma identidade solidificada, visando desconstruir perspectivas discriminatórias.

A REPRESENTAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É parte integrante, nessas caracterizações do caipira acima aventadas, a chamada fala caipira, direta ou indiretamente apresentada. Não a fala real, mas uma “fala artística” que se pretende representativa desta variedade linguística, geralmente desprestigiada e tradicionalmente tida como “primitiva”, “estropiada” e “errada”.

Isto ocorre, por exemplo, na caracterização de Chico Bento como um menino da roça, como um pequeno caipira. A construção deste personagem, então, passa pelos aspectos verbais – além de passar pelos aspectos não-verbais presentes no desenho e que o caracterizam como um tipo de caipira: o chapéu de palha, a calça xadrez, os pés descalços, o cenário rural – e centra-se na representação de uma variedade de língua portuguesa tida como a fala caipira.

É importante notar, primeiramente, que se trata de uma representação desta fala. O que temos em mãos, quando lemos os quadrinhos da Turma do Chico Bento, é um texto escrito, artístico. Não podemos tomá-lo como a própria fala caipira. Se isto acontece, incorreremos, por exemplo, em um engano frequente no ensino brasileiro de língua portuguesa: a utilização de histórias do Chico Bento para o tratamento da variação linguística.

Este engano foi percebido e discutido por Marcos Bagno, em termos de livros didáticos, na obra *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português* (2013). Bagno alerta que o preconceito linguístico, travestido de terminologia científica, alça as tirinhas de Chico

Bento, as letras de Adoniran Barbosa e os poemas de Patativa do Assaré, entre outros, a exemplos de variação linguística. Mas estas expressões linguísticas, também expressões artísticas, não são representações fiéis das variedades linguísticas que supostamente veiculam, causando uma distorção entre o que efetivamente é da variedade – os traços descontínuos – e o que são traços linguísticos graduais do português brasileiro.

Obviamente, não há nada de errado com essas expressões artísticas em si. O que há é um uso inadequado delas como material de ensino da língua portuguesa. Como afirma Bagno, o problema é:

(...) transformar essas revistinhas em material pedagógico para a abordagem da variação linguística. O desenhista não tem nenhuma obrigação de representar fielmente a fala de seus personagens, até porque uma representação cem por cento fiel só poderia ser feita por meio de transcrições fonéticas detalhadas, o que simplesmente tornaria as revistas ilegíveis! (BAGNO, 2013, p. 85)

Muitos dos traços apresentados na representação da fala caipira do personagem Chico Bento são, em verdade, traços linguísticos comuns ao uso do português brasileiro. Assim, ao se tratar os quadrinhos do Chico Bento como exemplo de variação linguística, incorre-se no erro de pensar que é variedade desprestigiada o que é efetivamente padrão, um uso linguístico regular. Outro engano é pensar que alguém realmente usa esta variedade. Um terceiro problema, que pode surgir, é a confusão entre variedades linguísticas e ortografia oficial. Na parte de análise deste trabalho nos voltaremos ao primeiro destes problemas que, como salienta Marcos Bagno, tem como agravante uma possível folclorização do fenômeno:

A redução do conceito de variação linguística a variação regional acaba por folclorizar (no mau sentido do termo) o fenômeno. Seria muito mais interessante fazer a aluna e o aluno reconhecerem que a língua é sim, heterogênea e variável, inclusive na fala e na escrita das pessoas altamente escolarizadas – jornalistas, escritores, ensaístas, publicitários, professores universitários, médicos, juristas etc. – sem nenhum vínculo com a cultura rural. (BAGNO, 2013, p. 87)

TIPOS E NÍVEIS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Para os propósitos de análise neste artigo, julgou-se necessário estabelecer os tipos e os níveis da variação linguística, isto é, quais são os níveis da língua que são atingidos pela variação e quais são as abordagens possíveis do fenômeno da variação, dadas a partir dos fatores extralinguísticos condicionantes. Importa notar que estes recortes são para efeito de estudo

científico, pois a variação não atinge somente um nível da língua e nem se dá a partir de um só aspecto, externo ou interno.

A literatura de divulgação da Sociolinguística tem concordância quanto ao fato de que a variação pode atingir todos os níveis da língua. É o que dizem, diretamente, Maria Maura Cezario e Sebastião Votre: “podemos flagrar variação em todos os níveis da língua” (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 145). Também é o que afirma Ronald Beline, quando define a sociolinguística como a área dos estudos de linguagem que pesquisa como os “fatores de natureza linguística e extralinguística estão relacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua” (BELINE, 2008, p. 125).

Deste modo, é possível afirmar, com um bom grau de acerto, que a variação se manifesta no nível fonético-fonológico, no morfológico, no sintático, no semântico, no lexical e no pragmático. Podemos estudar a variação em cada um destes níveis isoladamente, mas ela não ocorre assim. Os fenômenos de variação podem ocorrer – e efetivamente ocorrem – atingindo dois, três ou vários níveis ao mesmo tempo. É o que acontece, por exemplo, com a marcação do plural somente no primeiro item de um sintagma, como em “as casaØ bonitaØ” por “as casas bonitas”, em que há variação sintática na concordância e variação morfológica na ausência do morfema {-s}.

No que se refere aos tipos de variação, entretanto, a classificação segue o arcabouço teórico do pesquisador, causando certa instabilidade teórica e terminológica. Assim, para Tânia Alkmin (2008, p. 33-39), os recortes para estudar a variação são a diacronia (variação diacrônica), a origem geográfica (variação diatópica), a origem social (variação diastrática) e o contexto de uso (variação estilística ou de registro). Louis-Jean Calvet (2002, p. 99) distingue três parâmetros (social, geográfico e histórico) o que permite estabelecer que a variação ocorre em três eixos: variações diastráticas, variações diatópicas e variações diacrônicas. Marcos Bagno (2007) trabalha com cinco tipos de variação: diastrática, diatópica, diacrônica, diamésica e diafásica. As duas últimas ligadas, respectivamente, à comparação entre a língua falada e a língua escrita e ao grau de monitoramento do falante.

Adotaremos, para esta nossa análise, a perspectiva de que há ao menos três eixos claros de variação: o diacrônico (a língua é afetada pela passagem do tempo), o diatópico (a língua é afetada pelos distanciamentos geográficos) e o diastrático (a língua é afetada pela estrutura

social). Também neste caso isolamos os tipos de variação para efeitos de estudo, já que se sabe que “na realidade das relações sociais, os fatores de variação se encontram imbricados” (ALKMIN, 2008, p. 39), ou seja, na interação verbal o falante põe em ação uma variedade linguística relativa, concomitantemente, a sua região, idade, classe social, escolaridade etc.

TRAÇOS GRADUAIS E TRAÇOS DESCONTÍNUOS

Em *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*, Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) trabalha um modelo de análise da variação linguística nas interações verbais dentro dos *continua*, isto é, ela propõe uma metodologia de estudo em que se avalie as interações sem polarizações estanques mas sim dentro de três contínuos (*continuum* de urbanização, *continuum* de oralidade-letramento e *continuum* de monitoração estilística), o que permite entender que há múltiplas graduações entre um pólo e outro.

Desta maneira é que se pode entender que entre a fala tida como rural, isto é, os falares rurais mais isolados, e a fala tida como urbana, isto é, os falares mais codificados e padronizados, existe toda uma gama de variedades possíveis.

E, dentro desta linha contínua, Bortoni-Ricardo (2004, p. 52) identifica a zona rurbana, um espaço do *continuum* ocupado, de um lado, por grupos de migrantes de origem rural que preservaram muitos de seus traços culturais – e dentre eles, claro, os traços linguísticos... – mesmo vivendo nas grandes cidades, e ocupado, por outro lado, por comunidades interioranas, influenciadas pela mídia e pela tecnologia, residentes em distritos ou núcleos semirurais, distantes das áreas muito urbanizadas.

É importante lembrar que no *continuum* de urbanização não existem fronteiras rígidas entre os falares rurais, rurbanos ou urbanos. Ao contrário, “as fronteiras são fluídas e há muita sobreposição entre estes tipos de falares” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53). Disto decorre a importância de distinguirmos os traços linguísticos que são graduais dos traços linguísticos descontínuos, pois assim poderemos perceber melhor as intrincadas relações entre os falares dispostos neste *continuum*.

Tomamos aqui traços graduais e traços descontínuos na acepção que lhes dá Bortoni-Ricardo (2004, p. 53): os traços descontínuos são os itens linguísticos típicos dos falares mais

próximos ao pólo rural e desaparecem à medida que se avança para o pólo urbano – tem, portanto, uma distribuição descontínua – e os traços graduais são os itens linguísticos que estão presentes na fala de todos os brasileiros – tem, portanto, uma distribuição gradual, em todo o *continuum* de urbanização. Cabe destacar que a literatura linguística também chama estes traços descontínuos de traços residuais.

Temos, então, na língua portuguesa do Brasil, traços linguísticos que são comuns a todos brasileiros e traços linguísticos que são específicos de alguns brasileiros.

Podemos dar como exemplo de traço gradual a pronúncia /w/ do '-l' que fecha sílaba, “generalizada pelo Brasil afora, o que leva à confusão de palavras como *mal* e *mau*, e a grafias erradas como <auto-falante> e <altomóvel>” (ILARI; BASSO, 2007, p. 168). Como exemplo de traço descontínuo temos a pronúncia retroflexa do /r/, como se dá em /'pɔɾtɐ/, o chamado 'erre caipira', que alcança “algumas regiões do sul de Minas Gerais, do Mato Grosso, do norte do Paraná, de Goiás e Tocantins” (ILARI; BASSO, 2007, p. 168), além do interior de São Paulo.

ANÁLISE DAS TIRINHAS DO CHICO BENTO

Escolhemos analisar aqui duas tirinhas de Chico Bento, retiradas da *internet*, com o intuito de exemplificar o que viemos construindo como argumentação. Optou-se por tirinhas divulgadas na *internet* pensando-se que elas têm grande circulação e penetração na leitura cotidiana dos brasileiros, o que pode ser constatado em uma rápida busca no *Google*. E serão apenas duas por condicionamento de espaço do artigo.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: blogdoxandro.blogspot.com.br/2014/07/tiras-n5878-turma-do-chico-bento.html

Postulamos, quanto aos tipos de variação linguística, a presença de uma representação da variação diatópica nos elementos: “num”, “pr'eu”, “drumi”, “pru”, “fio”, “drumindo”, “sabe”, “dos fim”, que são apresentados – ou melhor, tidos – como exemplos de uma fala considerada caipira, própria do interior do Brasil. Estes mesmos elementos costumam ser considerados típicos de baixo estrato social, por estarem vinculados aos contingentes de população rural que migraram para a cidade, indo viver nas periferias, por isso a representação toca também na variação diastrática.

Observando os dados elencados acima – as oito ocorrências da tirinha que seriam marcas da variedade rural, de variação diatópica e diastrática – os analisaremos a partir da noção de traços graduais e traços descontínuos, relacionando-os também aos níveis linguísticos afetados pela variação.

Os dados “drumi”, “pru” e “drumindo” são a representação gráfica de uma metátese, isto é, a alteração de posição de um fonema, no caso o /r/, no interior da sílaba: “dormir” > “dromir” e “por” > “pro”. Esta alteração linguística atinge o nível fonético-fonológico e o morfológico. O mesmo ocorre com “percisá” > “precisar”, “tauba” > “tábua” e “vrido” > “vidro”, sendo que nestes últimos casos a alteração se dá de uma sílaba a outra. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, pp. 57-58) este fenômeno é muito comum nos falares rurais mas também o é na fase de aquisição da linguagem. É, ainda, muito antigo e foi produtivo na formação da língua, como se pode ver pelo exemplo: *semper* (latim) > sempre (português). Assim, só pode ser tido como um traço descontínuo da língua portuguesa partindo-se de um princípio social e não linguístico, já que o fenômeno é antigo e não marca variação diatópica. Seria categorizado como descontínuo por ser um traço ligado à variação diastrática, a partir de uma avaliação de que é um uso corrente entre pessoas menos escolarizadas e de baixa renda.

Nestes dados há também a representação gráfica da redução da vogal átona /o/ em /u/, um traço gradual da fonética brasileira, pois, “praticamente em todas as manifestações orais do português brasileiro, vemos que as vogais médias /e/ e /o/ são reduzidas para /i/ e /u/ em sílabas átonas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 57). É o que ocorre em casos como “mininu”, “dibaixo” ou “curuja”.

Em “sabe”, usado no lugar de “saber”, temos a representação gráfica do apagamento da consoante /r/ em final de palavras, o que é um traço gradual e ocorre frequentemente em

infinitivos verbais, tais como: “andá” > “andar” ou “comê” > “comer”. Esta grafia, que simboliza uma alteração no nível fonológico, “poderia ser empregada igualmente para representar a fala de qualquer brasileiro, de qualquer região ou classe econômica, inclusive os brasileiros altamente letrados” (BAGNO, 2013, p. 84).

Em “fio”, usado no lugar de “filho”, temos a representação gráfica da vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/, como ocorre em “paia” > “palha” ou “trabaia” > “trabalha”. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 58) esta alteração dos níveis fonético-fonológico e morfológico tem caráter descontínuo, ainda que seja facilmente encontrada em expressões tipicamente urbanas, como em “E aí, véio” > “E aí, velho”. Mais uma vez, se categorizamos o fenômeno como descontínuo, é por causa de uma avaliação social, extralinguística, ligando-o à diastratia e não à diatopia.

Os dados “num” e “pr'eu” são traços graduais do português brasileiro. No primeiro caso temos a representação gráfica de alterações no nível fonético-fonológico: a vogal /a/ desaparece e a vogal /o/, reduzida para /u/, passa a ocupar o ápice da sílaba, mantendo-se a nasalidade, que passa a ser marcada ortograficamente por [m], substituindo-se o diacrítico [~]. No segundo caso temos a representação gráfica da contração, no nível fonético-fonológico e morfológico, da preposição “para” e do pronome “eu”. Ambos casos comuns de uso da língua portuguesa falada no Brasil.

A variação atinge o nível morfológico e sintático em “dos fimØ” por “dos finais”. Esta é uma construção que opta por não apresentar a marca morfológica de plural em “fimØ”, criando uma alteração sintática na concordância com “dos”. Este é também um traço gradual da língua portuguesa, presente no uso linguístico de muitos brasileiros e que apresenta uma regularidade, como mostra Sírio Possenti (2011, p. 29-30): em grupos nominais pode-se marcar o plural no primeiro elemento do grupo, ao invés de se marcar todos os elementos do grupo. Assim como ocorre no inglês, em que se marca o segundo elemento do grupo: “the books”, “the boys”. Apesar de gradual é um uso marcado socialmente, ou seja, é um uso estigmatizado.

Vê-se, depois da análise, que dos oito dados que representariam marcas de variação diatópica e diastrática, somente dois poderiam ser considerados descontínuos, a metátese e a vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/, ainda assim pelo lado da diastratia e não da diatopia, pois eles podem ser encontrados em contextos urbanos e em todas as regiões do Brasil. Desta

forma, se se considera estes fenômenos típicos da fala caipira é porque se considera o caipira um sujeito de pouca escolarização e de nível socioeconômico baixo.

Continuemos no mesmo exercício de análise com a tirinha abaixo.



Fonte: deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/35841320782/por-mauricio-de-sousa-http-www-monica-com-br

Postulamos como dados linguísticos, representativos – mesmo que ficcionalmente – da fala caipira na tirinha acima: “prantando”, “árvre”, “di”, “isperança”. Os quatro seriam os que constituiriam as principais marcas linguísticas do dialeto caipira representado neste quadrinho da Turma do Chico Bento.

No caso de “prantando”, usado em lugar de “plantando”, temos a representação gráfica do fenômeno do rotacismo, que se dá ao nível fonético-fonológico. Ele é definido como a troca do /l/ por /r/ em certos grupos consonânticos que criam ambientes fonéticos propícios à variação: BR-/BL-, CR-/CL-, FR-/FL-. Bortoni-Ricardo (2004, p. 54) o classifica como traço descontínuo, considerando a sua grande estigmatização e apesar de saber que é um traço encontrado em falares rurais, rurbanos e urbanos. Mais que isto, é um fenômeno presente historicamente no português, tendo atuado na diferenciação das línguas românicas – e hoje explicando a alternância entre, por exemplo, “branco” (port.)/“blanco” (esp.), “prata” (port.)/“plata” (esp.) – e encontrável, atestando a sua antiguidade, na obra de Camões (CASELLA, 2012, pp. 175-176). Desta maneira, mais uma vez, não é pela diatopia que o traço poderia ser considerado descontínuo, como marca da fala do caipira. O que temos é o fato de que a mesma estigmatização que recai sobre o usuário recai sobre o uso.

Nos dados “di” e “isperança”, por “de” e “esperança”, temos a representação gráfica da redução da vogal /e/ em /i/, uma alteração no nível fonético-fonológico que já vimos ser um traço gradual do português brasileiro.

Em “árvre”, usado no lugar de “árvore”, há a representação gráfica da supressão da vogal da primeira sílaba postônica, o que ocorre também em “chacra” > “chácara” e “xicra” > “xícara”, por exemplo. Esta alteração fonético-fonológica e morfológica causa a redução da proparoxítona a paroxítona, o que, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 101) é um traço gradual no português brasileiro, em que as proparoxítonas são reduzidas, na fala rápida, para reduzir o esforço articulatório.

Como na primeira análise, após o tratamento destes quatro dados linguísticos, chega-se a conclusão de que não há nenhum traço descontínuo que seja marca da variação diatópica. Somente o rotacismo, pelo viés da diastratia, pode ser considerado traço descontínuo. Assim, o que sustenta uma representação linguística de Chico Bento como caipira é a confusão entre os traços graduais e descontínuos, a partir da avaliação social do falante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados linguísticos de duas tirinhas da Turma do Chico Bento, que deveriam apontar para a construção da verossimilhança do personagem, ou seja, que deveriam marcá-lo diatopicamente como caipira a partir da representação de seu uso da língua, vemos que as ocorrências linguísticas que podem ser consideradas descontínuas, portanto as que seriam características do dialeto caipira, são da ordem da diastratia, ou seja, da variação linguística ocorrida por causa de fatores sociais tais como idade, gênero, escolaridade etc.

A metátese, a vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/ e o rotacismo, portanto, são fenômenos linguísticos que não estão ligadas ao espaço rural ou a alguma região específica do Brasil. São fenômenos linguísticos regulares, explicáveis, e que estão ligados, via avaliação social e não linguística, a uma camada de usuários da língua que tem alto grau de estigmatização: os brasileiros pobres de baixa escolaridade.

Gostaríamos de ter demonstrado que – assim como tomar o Chico Bento como um caipira real, em um Brasil de uma nova ruralidade e de um arcabouço imaginário enorme sobre o tema, é um equívoco – ao se tratar tirinhas como as da Turma do Chico Bento como exemplos reais de variação linguística, incorre-se, concomitantemente, nos erros de tomar como variedade desprestigiada o que é efetivamente um uso linguístico regular e de tomar a variação diastrática por diatópica.

Estes equívocos podem reforçar uma imagem preconceituosa do caipira e das regiões geográficas a que ele está vinculado. Por isso, a representação da variação linguística em tirinhas, como as da Turma do Chico Bento, deve ser tratada dentro de seu contexto de expressividade artística e de caracterização ficcional.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, C. (Org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras* [v. 1] São Paulo: Cortez, 2008.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. [org.] *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CASELLA, C. A. de O. A literatura como antídoto ao preconceito linguístico. *REVISTA CASA DE MACHADO*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 170-185, 2012.

CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. [org.]. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, L. L. Do Caipira Picando Fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 59, p. 232-257, setembro/novembro, 2003.

POSSENTI, S. *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.



Submissão: 15 de março de 2016
Avaliações concluídas: 04 de junho de 2016
Aprovação: 04 de agosto de 2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

CASELLA, Cesar Augusto de Oliveira. A Representação da Variação Linguística em Tirinhas de Chico Bento (*Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação*). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 82-96 de 469, número especial, 2016. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >